

# SÍMBOLOS NACIONAIS ARGENTINOS

Alaor Chaves

## El gaucho de la Pampa

*O gaúcho morre e mata com inocência.*

Jorge Luís Borges

O infindável pampa ocupa quase toda a província de **Buenos Aires**, vastas áreas ao seu ocidente e ao seu noroeste, além da **Cisplatina** – onde ficam hoje o **Uruguai**, as atuais províncias de **Entre Rios** e **Corrientes**, e o terço meridional do **Rio Grande do Sul**. O Uruguai foi disputado por portugueses e espanhóis até tornar-se país independente em 1828. Estamos falando de 1,2 milhões de quilômetros quadrados, 85% dos quais na Argentina.

Muito antes de Buenos Aires atingir população significativa, colonizadores espanhóis, na maioria jovens solteiros, começaram a ocupar os pampas argentinos e uruguaios. Muitos chegaram pelo norte, pois o pampa argentino foi, até 1776, parte do **Vice-Reino do Peru**, o epicentro da colonização espanhola na América do Sul. Alguns, casados e afluentes, às vezes aristocratas, estabeleceram grandes estâncias em pontos selecionados, onde criavam gado e plantavam grãos. Seus filhos e netos eram os **criollos**, pessoas de sangue espanhol nascidas fora da Espanha.

A imensidão e o esplendor do pampa inspiram a liberdade. Os ameríndios da região eram nômades que viviam dos elementos naturais. As estâncias, embora se multiplicassem, ocupavam pequena fração da terra, e os nativos foram expulsos para as regiões vazias. Os colonizadores espanhóis pobres também buscavam essas regiões e miscigenaram com os índios; eram os **gauchos**. Alguns deles se empregavam nas estâncias, que também exploravam escravos trazidos da África. Assim se formou a população e a sociologia do pampa. Fora os índios, os gaúchos compunham a grande maioria da população. Alguns ocupavam pequenas propriedades. O restante, assim como os índios, era nômade, se não empregado de estâncias.

Gado e cavalos fugitivos das estâncias multiplicaram-se nas terras de ninguém. A vida áspera, a luta contra os índios e os elementos, fez do gaúcho um povo destemido. Tornou-se um cavaleiro inseparável da sua montaria, e usava o gado selvagem como alimento. Assava a carne fresca – sem sal, pois este era caro – sobre um braseiro, o que deu origem ao **asado** argentino. Era dado à valentia e ao uso do punhal, que trazia preso à cintura. Uma arrelia no jogo de cartas podia resultar em morte. Se uma mulher fosse cobiçada por dois homens, o desfecho provável era um punhal no peito ou nas costas de um deles. Gostava também da guitarra espanhola e da milonga. Cantava sem pressa, pois, como disse um poeta que agora não lembro, “a madrugada demora a clarear”. Era desprezado e injustiçado pela minoria dominante.

A começar pela guerra da independência, passando pelas intermináveis lutas entre os caudilhos dos pampas, por guerras contra o Brasil pelo controle

da Cisplatina, e finalmente a guerra do Paraguai, durante dois terços do século XIX as guerras, internas ou externas, foram incessantes na Argentina. O gaúcho e os negros eram os mais numerosos guerreiros, e a maioria deles morria. Eram designados para as tarefas mais perigosas, o gaúcho na cavalaria e o negro da infantaria. Cabe lembrar que os negros também compuseram talvez a maioria dos soldados brasileiros na guerra do Paraguai, o que foi fartamente documentado pela imprensa paraguaia na época.

Um aparte é oportuno sobre os **negros na Argentina**. A escravidão de africanos, fornecidos pelos ingleses, foi intensa no país, onde ela foi abolida em 1853. Após isso, houve um longo e diversificado processo de clareamento da nação, que incluiu a morte de negros em guerras, a venda de negros já 'livres' para o Brasil, alguns deles jogados no mar, e a completa exclusão de afrodescendentes dos sistemas educacionais e de saúde, o seu confinamento em guetos insalubres onde a diarreia, o cólera, a febre amarela e a hepatite grassavam. Em 1780, os negros podem ter formado mais da metade da mão de obra na Argentina; hoje os afrodescendentes são apenas 4% da população. Ver, por exemplo,

<https://www.geledes.org.br/historia-dos-negros-argentinos-por-que-eles-quase-sumiram-do-mapa-por-la/>

**Bartolomé Mitre e Domingo Faustino Sarmiento**, dois iluministas que presidiram Argentina no período 1861-1874 e iniciaram o processo de modernização do país, eram – como quase todos os iluministas – racistas com uma visão eurocêntrica do mundo. Em 1845, Sarmiento escreveu o influente livro **Facundo: civilização e barbárie**, em que defende a supressão da cultura caudilhista e gaúcha como condição para que a Argentina se modernizasse. Mas o gaúcho já se afirmava como símbolo da cultura dos pampas, cantado pela literatura gauchesca, da qual foi pioneiro o uruguaio **Bartolomé Hidalgo**, cujos versos tinham um claro viés político. A literatura gauchesca, escrita por homens cultos na linguagem simples do gaúcho, é muito vasta, e atingiu sua culminância com o político e poeta **José Hernandez**, autor de **Martín Fierro** – escrito em duas partes, em 1872 e 1879 –, a obra literária mais celebrada da Argentina. Muitos aderiram. Até mesmo o tardio **Jorge Luis Borges** adotou com fervor o punhal e o duelo em sua refinada arte. Segundo Borges “O gaúcho morre e mata com inocência.”

Porque os espanhóis queriam a terra dos índios, estes precisavam ser descritos como violentos, ladrões, trapaceiros e preguiçosos. O gaúcho, mestiçado com índios e influenciado pela sua cultura, mereceria narrativa igual. Essa foi a lógica da europeização e modernização do pampa. Mas a literatura gauchesca, embora ignorasse índios e negros, resgatou o gaúcho e o glorificou. Por toda a Argentina e o Uruguai, o gaúcho é reverenciado como símbolo, e sua música, sua dança e suas vestes compõem parte cultuada do folclore. O **Rio Grande do Sul**, por mais de três séculos disputado pelos espanhóis e portugueses, finalmente foi incorporado ao Brasil. Seus residentes, além de cultivarem os símbolos artísticos e folclóricos do povo dos pampas, decidiram chamar a si mesmo de gaúchos. Pero, Che! Bah, Tchê!

# José de San Martín

*Jamais desembainharei minha espada  
para lutar contra meus compatriotas.*

José de San Martín

**San Martín** foi um dos principais libertadores da América Espanhola. Participou de forma ativa do processo de libertação da Argentina, do Chile e do Peru. Nasceu na vila de Yapeyú, província de Corrientes, em fevereiro de 1778, de pais espanhóis de origem aristocrática. Seu pai era capitão do exército espanhol, descendente de oficiais espanhóis. Em 1785, foi transferido para a Espanha, para onde se mudou com a família. San Martín tinha três irmãos e uma irmã que, assim como seus pais, nunca retornaram à América. Iniciou seus estudos em Madrid, no **Real Seminario de Nobles** e, a partir de 1786, na **Escuela de Temporalidades de Málaga**. Com apenas onze anos, ingressou como cadete no Regimento de Murcia, e por mais de vinte anos pertenceu ao exército espanhol.

Lutou no norte da África e, após 1808, contra as forças napoleônicas que invadiram a Península Ibérica. Atingiu o posto de Tenente-Coronel e foi condecorado com medalha de ouro por ter infringido a primeira derrota às tropas napoleônicas na Península.

A invasão da Espanha encorajou movimentos de independência em vários locais da América Espanhola. Em 1811, San Martín renuncia à carreira militar na Espanha e viaja para a Inglaterra, onde se reúne com revolucionários que discutiam, em lojas maçônicas, a libertação das colônias espanholas na América. Chegou em 1812 a Buenos Aires, e ofereceu-se para lutar na guerra de independência, que tivera início em 1810, na chamada **Revolução de Maio**. Seu passado de militar espanhol gerava desconfiança nos argentinos. Mas após casar-se com a filha adolescente de uma rica família de *criollos*, lhe confiaram a criação do **Regimento de Granadeiros a Cavallo**, com o qual ele obteve vitória sobre os espanhóis no **Combate de San Lorenzo**. Em 1814, foi nomeado governador da intendência de **Cuyo**, com sede em Mendoza, e lutou, como comandante do **Exército do Norte**, contra as forças realistas (monarquistas). Em 9 de julho de 1816, no **Congresso de Tucumán**, a Argentina proclamou sua independência da coroa espanhola e deu-se o nome de **Províncias Unidas da América do Sul**. Em 1825, o nome foi mudado para **Províncias Unidas do Rio da Prata**, uma vez que outras áreas da região tinham conquistado independência como nações soberanas.

A independência argentina continuava ameaçada pelo **Vice-Reino do Peru**, com sede em **Lima**, matriz das mais poderosas forças espanholas na América. O **vice-rei José de Abascal** contava com tropas formadas por cerca de 40 mil espanhóis, colocadas nos pontos estratégicos. Havia, além do mais, uma disputa interna sobre a organização da Argentina. A província de Buenos Aires pretendia um poder centralizado, com pouca autonomia das outras províncias, enquanto essas defendiam um sistema federativo, no qual as províncias teriam o mesmo status. San Martín priorizou o combate ao Vice Reino do Peru, deixando de lado as disputas entre as províncias – unitaristas

contra federalistas. Antes de atacar Lima, era preciso libertar a **Capitania do Chile**, então parte do Vice-Reino do Peru. Após isso chegaria ao Peru pelo oceano Pacífico. Decidiu então criar o **Exército dos Andes**, e no momento oportuno uni-lo ao Exército do Norte. Com apoio do chileno **Bernardo O'Higgins**, e mais de mil outros revolucionários chilenos que se refugiaram em Cuyo após serem derrotados pelas formas monarquistas chilenas, San Martin formou o referido exército.

Trouxe para Mendonça quase todo o Exército do Norte. Durante sua preparação para a invasão do Chile, recebeu ordem de vir com seu exército socorrer os unitaristas portenhos, que se viam em dificuldades para conter um grande ataque de federalistas. Desobedeceu à ordem, e diante da insistência respondeu com o silêncio. Sua cabeça estava voltada para o inimigo espanhol, que estava no oeste e no norte, poderoso e ameaçador. Treinou seu exército e munuiu-se de armas e de suprimentos. Engordou os cavalos e mulas, pois a jornada seria muito árdua – mais da metade dos animais morreu na travessia.

Com suas tropas divididas em seis frentes, enfrentou a barreira dos Andes. Iludiu os monarquistas, que tinham exército mais numeroso, com manobras diversionistas. Após vencê-los na batalha final de **Maipú**, proclamou a independência do Chile, do qual O'Higgins assumiu o governo. Na travessia dos Andes e na luta contra os realistas, o experiente general San Martin demonstrou habilidades que impressionaram até mesmo seus inimigos. Não poucos o compararam a Aníbal e a Napoleão.

Para combater o Vice-Reino do Peru, junto com chilenos e com financiamento chileno, San Martin preparou tropas que contavam com 1.600 marinheiros e uma dezena de navios tomados das forças espanholas. Buenos Aires prometeu apoio financeiro que nunca se concretizou. A armada saiu de **Valparaíso** e desembarcou em **Pisco**, onde venceu umas tropas monarquistas. San Martin venceu Lima após sitiá-la por vários meses. O vice-rei fugiu com suas tropas para as montanhas e finalmente estabeleceu-se em **Cuzco**. San Martin entrou em Lima e proclamou a independência do Peru, em 1821. Foi apontado seu Protetor, com poderes civis e militares. Os espanhóis continuaram ameaçando a cidade a partir das montanhas.

Em 26 de julho de 1822, houve um longo encontro a portas fechadas entre San Martín e **Simón Bolívar**, na cidade de **Guayaquil**. O objetivo era discutir a organização das nações sul-americanas após a libertação, além das questões mais prementes do Peru. Entre os libertadores houve uma divergência cujo caráter foi farto material para debate entre os historiadores. Mais falante, Bolívar deixou claro e registrado que pensava em uma federação que congregasse os novos países, em um arranjo republicano como o dos EUA. San Martin, especulativamente, preferia nações soberanas independentes, cada uma delas federalista. Alguns dizem que, por ter vivido a luta entre as províncias argentinas, ele visse com bons olhos monarquias constitucionais com reis europeus convidados.

Em Lima, trabalhava-se na formação de um congresso constituinte. Quando, em 20 de setembro de 1822, San Martin conseguiu instalar o Primeiro Congresso Constituinte, ele já estava dominado por republicanos; Bolívar havia agido com grande rapidez! No mesmo dia, San Martin renunciou a todos os cargos que ocupava no Peru, deixando o país nas mãos de Bolívar.

Sua mulher, de 33 anos, estava enferma em Buenos, e San Martin queria ir ao seu encontro. Pediu permissão a **Martín Rodríguez**, governador de

Buenos Aires, para retornar à cidade. Este mandou dizer que isso não era seguro. San Martín demonstrara ser federalista e desobedecera a uma ordem de socorrer os unitaristas de Buenos Aires; alguns o acusavam de traição. San Martín decidiu correr o risco, mas ao chegar em Buenos Aires, em agosto de 1822, sua mulher havia morrido. O ambiente lhe era hostil; queriam submetê-lo a um julgamento. San Martín decidiu exilar-se na Europa, levando sua filha. Desembarcaram na França, tiveram estádios na Bélgica, na Escócia na Itália, e finalmente San Martín optou por viver Paris, e mais tarde em Boulogne-sur-Mer (França). Morreu em 1850.

Em 1877, **Nicolás Avellaneda**, que sucedeu Sarmiento como presidente da Argentina, decidiu trazer os restos de San Martín para a Argentina. O país prosperava com vigor, mas precisava de um herói nacional que o unisse. A direção da **Catedral Metropolitana de Buenos** não quis ceder espaço para o mausoléu, alegando que San Martín tivera ligações com a maçonaria, mas a questão foi finalmente superada e os restos do grande libertador foram ali depositados em 1880.

A promoção e aceitação do herói exigiu a criação de toda uma mitologia. Dezenas de livros foram escritos sobre San Martín, que é hoje chamado **Padre de la Patria**. Alguns biógrafos argentinos atribuíram-lhe estatura acima da de Bolívar e de **Washington**, e estátuas equestres do general foram erguidas em muitas praças em toda a Argentina, que às vezes levam também o seu nome. Há consenso sobre sua grandeza e unanimidade sobre seu extraordinário brilho como militar. Mas a Pátria argentina acabou ficando mal na fita. Como pôde uma filha fazer tanto mal ao seu pai e libertador, que para não se submeter ao anunciado julgamento por traição – cujo resultado previsível seria seu fuzilamento – buscou exílio em outro continente? Como pôde a filha esquecer-se do grandioso pai por meio século?

## O TANGO

*Nasci em Buenos Aires aos  
dois anos e meio de idade.*  
Carlos Gardel

O **tango**, gênero de música e de dança que a UNESCO declarou **Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade**, é um dos grandes símbolos da Argentina e do Uruguai. Desenvolveu-se a partir dos anos 1880 em Buenos Aires e Montevideu. Como música, tem fortes reminiscências da **milonga** dos gaúchos e da **habanera** cubana, que ganhou fama europeia com a ária Habanera, da ópera **Carmem**, de **Bizet**. Essa ária, mais que a habanera cubana, exhibe o ritmo *staccato* e sincopado que tão claramente distingue o tango.

Nasceu nos subúrbios e era música puramente instrumental tocada com flauta (ou clarineta), violino e guitarra. Era dança para duplas de homens, o que lhe definiu algumas regras que perduraram: não há meneio dos quadris, muito



menos requebro, e os dançarinos não se olham nos olhos. Com o tempo, começou a também ser dançado por mulheres em duplas e por casais. Virou música de bordel, com o que ganhou sensualidade. É triste e dramático. A aristocracia repreendeu com severidade essa música de lupanar.

Bordel, todo mundo sabe, é a primeira visita que marinheiro faz ao chegar a uma cidade. Levaram o tango para a Europa. Em **Paris** – não poderia ser em outro lugar! – ele teve grande sucesso e logo passou a frequentar os salões ilustres. Após ser civilizado em Paris, por volta de 1910, foi aceito pelas elites da foz do Rio da Prata. Isso foi o início de várias transformações.

O primeiro autor de tango a merecer destaque foi **Casimiro Alcorta** (1840-1913), conhecido como **El Negro Casimiro**, um escravo libertado ainda criança, que se tornou violinista, bailarino e compositor, e foi apontado como o **pai do tango**. Em 1884, compôs **Cara sucia**, o primeiro tango famoso de autoria conhecida. Seu título original é **Concha sucia**, mas teve de ser mudado quando o tango se tornou socialmente aceito, pois é indecoroso mencionar o órgão feminino por onde nascem as crianças. El Negro formou também o primeiro trio para tango, junto com o **Mulato Sinfroso** e um guitarrista não identificado. **El Choclo**, que ele compôs em 1903, é um dos mais populares dos tangos, e continua sendo interpretado por instrumentistas de todo o mundo. Ver <https://youtu.be/Tzw8KIYRbBU?t=1> Alcorta morreu na miséria, pois o tango ainda não O Tango.

**La cumparsita**, o mais famoso dos tangos – e uma das dez músicas mais tocadas do mundo – foi composta por um estudante uruguaio de dezoito anos. **Gerardo Matos Rodrigues** a compôs como uma marchinha para o carnaval de Montevideu de 1916. Mais tarde, naquele ano, o portenho **Roberto Firpo** visitou Montevideu a convite do **Café La Giralda**. Firpo, compositor, pianista e regente, foi figura importante na reconfiguração do tango como música ‘decente’. Introduziu o piano como instrumento indispensável no tango, criou o sexteto para tango – piano, contrabaixo, violino, viola e dois bandoneóns – e o tango orquestral. Uma noite, segundo Firpo, um homem o procurou no Café. Disse ter comprado uma marchinha que lhe parecia vocação para virar tango. Era talvez um ‘tango envergonhado’. Firpo acrescentou à música uma terceira parte, usando fragmentos de dois tangos de sua autoria, ignorados pelo público, e até mesmo um breve tempero de **Giuseppe Verdi**. Mudou-lhe o nome e o tocou, pela primeira vez, no próprio La Giralda, que mais tarde tornou-se o **Museu do Tango de Montevideu**. Em 1916, gravou-o em disco da Odeon. A questão gerou longo litígio. Em 1948, Matos Rodrigues foi reconhecido na Justiça como autor do tango envergonhado, e merecedor de 80% dos direitos autorais. Com esses royalties, viveu luxuosamente em Paris.

Na abertura das Olimpíadas de Sidney, em 2000, a delegação argentina desfilou sob o som de La cumparsita. O governo uruguaio protestou, dizendo que a música era símbolo nacional do Uruguai.

**Carlos Gardel** (Charles Bonuald Gardès) foi um francês que veio a ser a maior figura da história do tango, e encarnou a própria alma desse notável gênero musical. Nasceu em Toulouse, em 11 de dezembro de 1890, filho de Berthe Gardès e Paul Laserre, um homem casado que se mudou da cidade pouco antes do nascimento do bebê. Em 11 de março de 1893, Berthe desembarcou com o filho em Buenos Aires. Há registro da sua entrada na Argentina, acompanhando a mãe, que informou o nome incompleto Charles Gardès. Mas ações do próprio Gardel deram origem à narrativa de que ele

fosse uruguaio. Em 1920, antes de uma excursão à França, especula-se, Gardel temeu a possibilidade de problemas com sua documentação. Sendo francês, ele devia ter-se alistado para a Primeira Guerra Mundial. Foi ao consulado Uruguaio e solicitou reconhecimento de sua origem uruguaia. No formulário que preencheu, declarou ter nascido em Tacurembó, Uruguai, em 1887. Para os uruguaio, era um bom negócio nada averiguar, e ganhar um filho ilustre. Pouco depois, os argentinos lhe deram uma nova identidade com os dados falsos. Era evasivo quando indagado sobre o seu nascimento: “Nasci em Buenos Aires com dois anos e meio de idade.” Naturalizou-se Argentino em 1923. Em 2012, foi localizada em Toulouse sua certidão de nascimento.

Muito jovem, começou a cantar em bares e festas particulares, sem ser muito notado. Em 1917, começou a cantar tango, na época ainda música instrumental. Sua voz natural era de barítono, mas adotou com maestria um registro de voz mais alto que melhor combinasse com o tango vocal que ele inventou. Em <https://www.youtube.com/watch?v=0tGsHECwLWY> Gardel canta um dos muitos tangos que ele compôs.

Seu sucesso foi enorme e de âmbito mundial. Explorava muito bem a grande atração que exercia sobre as mulheres. Para fazê-las pensar que estava disponível, mantinha em segredo sua vida amorosa. Morreu aos 44 anos de idade, num acidente de avião em Medelín. Seu corpo foi exibido em muitos países, antes de ser enterrado em Buenos Aires.

Ganhou enorme destaque, no tango orquestral, a obra **Jalousie ‘Tango Tzinane’**, composta em 1925 por **Jacob Gade**, violinista dinamarquês, a qual ganhou versos em várias línguas e recebeu todos os arranjos concebíveis. Obra prima, ganhou fama colossal. Com seus royalties, Gade criou uma fundação para fomentar a música. Duas das suas gravações estão entre as primeiras a vender mais de um milhão de cópias. Entrou no repertório de várias celebridades, dentre elas o violinista **Yehudi Menuhin** e o tenor **Plácido Domingo**. Ver <https://www.youtube.com/watch?v=cC0r-Nhs1wc>. Diz-se que faz parte da trilha sonora de mais de cem filmes e produções de TV. Na minha opinião vadia, o maior de todos os tangos.

A morte prematura de Gardel gerou um luto prolongado. Mas a vida continua, e nos anos 1940 **Astor Piazzolla**, virtuoso do bandoneón e possuidor de sólida formação musical, liderou a criação do **Nuevo Tango**, que incorporou elementos do jazz e até da música barroca. Muitos aficionados do tango tradicional não aderiram, mas o mundo aderiu. Como seria inevitável, o rock tango já surgiu. O próprio Piazzolla plantou a semente, como se pode ver em <https://youtu.be/MepPfl7ebMY?t=1>

Sorte que o tango, que tem pés na senzala e foi considerado música de lupanar, tenha ganhado decoro e ultrapassado a barreira do preconceito, das distâncias e do tempo. Buenos Aires cultiva com dedicação esse símbolo. Na Rua Florida, no Caminito, na Feira de San Telmo, no amplo Porto Madero, enfim em todos os grandes pontos turísticos da cidade, sob a música de uma gravação, casais de dançarinos exibem com arte os passos do tango e convidam os turistas a dançar com eles. Há na cidade muitas casas de show de tango. Um dos shows tem a grandeza e a qualidade dos espetáculos da Broadway, e em duas horas expõe a história do tango, da milonga gaúcha a Piazzolla.